

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação**

**Seminários Abertos de Pós Graduação
Linha de Pesquisa : Ensino de Ciências e Matemática / Linguagem e Educação
Grupo de Estudos em Epistemologia e Didática
Coordenador : Prof. Nilson José Machado**

Título

Formação do Professor Universitário em Psicanálise

Leandro Alves da Silva

Novembro / 2005

Índice :

	Pág.
1) Introdução	3
2) Contribuição da Lingüística	4
2.1) Conceito de Signo	4
3) Psicanálise	5
3.1) Jacques Marie Émile Lacan	5-7
3.1.1) Laço Social e Relação com o Saber	7-8
3.1.2) Usos da Clínica Lacaniana em Sala de Aula	9
3.2) Henri Wallon	10
4) Bibliografia	11

1) Introdução

A análise do processo de comunicação professor – aluno no ensino superior, na perspectiva da construção de uma aproximação entre os universos semânticos por meio de uma explicitação das ontologias envolvidas é um dos objetivos deste texto.

O conceito *ontologia* refere-se a explicitação sistemática de uma área do conhecimento, que possui termos e relações que compreendem o vocabulário da área escolhida, como também regras para combinar estes termos e relações para definir extensões deste vocabulário. SOWA, J. (1999)

Este texto tem também como objetivo, conceituar técnicas para o uso da didática no ensino superior. Tal objetivo concentra-se na percepção do aluno e do professor como *pessoa*, bem como a *interação* entre eles, possibilitando uma real compreensão dos vocabulários envolvidos.

Em BAKHTIN, M. V. (1978), temos : "*Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida*". Desta afirmação, apontamos para importância do diálogo entre duas ou mais pessoas, onde, no contexto "sala de aula", o professor e o aluno, necessitam de um repertório mínimo comum para estabelecer esta *interação*.

Com atenção à *interação*, este texto faz uso de estudos de lingüística e psicanálise, à explicitação de fundamentos filosóficos que sustentam os universos semânticos do professor e do aluno.

O público presente no ensino superior, traz um vocabulário heterogêneo e provém das mais diversas áreas do conhecimento e atividades profissionais. Neste cenário, estudaremos a construção do conhecimento em sala de aula, que por hipótese, acreditamos auxiliar no estudo de tal heterogeneidade semântica, fornecendo elementos capazes de diminuir a distância entre os repertórios da comunicação entre professor – aluno.

Para que a construção de um conhecimento ocorra há necessidade de um tempo de aprendizado e adaptação do professor junto aos alunos e dos alunos com o professor. Este aprendizado refere-se a compreensão do vocabulário que ambos detêm sobre o conteúdo a ser lecionado.

Para o estudo da compreensão do vocabulário e tratamento lingüístico do mesmo, utilizamos os referenciais teóricos em *Ferdinand de Saussure* e *Charles Sanders Pierce*. Eles investigaram o desenvolvimento da linguagem e sua análise. Preocuparam-se com a diacronia e sincronia do uso da linguagem, onde perceberam transformações durante os usos das palavras.

Para o estudo da compreensão da pessoa aluno e pessoa professor foram utilizados os autores Jacques Marie Émile Lacan e Henri Wallon. Mostraremos o estudo do *ato de escutar em Lacan* e a *observação do comportamento* em Wallon.

2) Contribuição da Lingüística

A idéia de utilizarmos um repertório mínimo comum para interação entre professor – aluno, identificando e explicitando uma área do conhecimento que será lecionada, faz sentido se nos preocuparmos em perceber o significado de cada palavra no contexto escolhido e o significado destas palavras para o aluno e o professor. Tal preocupação remete a teoria geral dos signos. SANTAELLA, L. A. (2000)

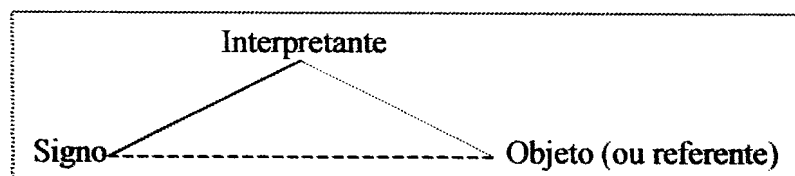
Para explicitar o raciocínio acima, temos em MOREMO, A. R. (2000), o exemplo :
“A palavra água, por exemplo, pode ser usada como pedido de socorro, como aviso de que vai chover, como descrição do líquido que vemos à nossa frente, como pedido de renúncia ao inimigo, como atitude de espanto diante de uma situação inesperada, etc.”

2.1) Conceito de Signo

Um signo é aquilo que representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a uma pessoa, esse primeiro signo criará na mente dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo. Chamamos esse primeiro momento de Interpretante Imediato, o qual corresponde ao Sentido do signo. Sentido é o efeito total que o signo produz na mente, sem qualquer reflexão prévia.

Em um segundo momento, o signo criado na mente da pessoa que interpreta, recebe a designação de interpretante, onde ocorre uma “consulta” ao repertório pessoal de signos daquele que interpreta. Chamamos esse segundo momento de Interpretante Dinâmico, o qual corresponde ao Significado do signo. Significado é o efeito direto, realmente produzido no intérprete pelo signo.

No terceiro momento, o signo representado é conhecido como objeto, onde, o significado do signo equivale ao que faz sentido à pessoa que interpreta. Chamamos esse terceiro momento de Significação do signo. Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o interprete em condições que permitem ao signo, exercitar seu efeito total, é o resultado interpretativo a que todo que qualquer intérprete está designado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração.



Exemplo :

Signo FLOR ; momento em que se vê aquilo tal como é.
FLOR, palavra da língua

Interpretante ; momento em que o signo é interpretado.
FLOR, é o nome genérico para rosas, margaridas, etc.

Objeto ; ocorre a representação do signo.
FLOR, pode representar a mocidade, a pureza, a conduta, além do próprio vegetal, etc.

Por meio do uso dos signos lingüísticos, é estabelecida a *Linguagem*, a qual refere-se à habilidade que o ser humano tem de comunicar-se com os seus semelhantes. Abrangem fatores físicos, filosóficos e psíquicos.

3)Psicanálise

Com base na breve introdução da teoria geral dos signos, nos voltamos à construção do conhecimento em sala de aula. A interação do professor – aluno é necessária para que seja estabelecida uma relação de confiança entre ambos.

Esta relação ocorrerá com maior facilidade se ambos “falarem a mesma língua”, ou melhor dizendo, falarem o mesmo repertório lingüístico sobre o conteúdo que será lecionado. Certo que em um primeiro momento, existirá uma defasagem entre os signos utilizados por ambos.

O diálogo é uma ferramenta essencial para que ocorra a troca de signos lingüísticos e que os mesmos sejam interpretados. Porém, este diálogo deve ser diferente do que estamos acostumados. Neste diálogo, o professor ficará em alguns momentos na escuta do discurso que o aluno produz. Este comportamento será validado com a leitura da primeira clinica lacaniana, onde veremos formas para maximizar a interação entre professor – aluno.

Para efeito de melhor entendimento, durante o texto nos itens 3.1 e 3.1.1, leremos sujeito e indivíduo com efeito de pessoa.

3.1) Jacques Marie Émile Lacan

“Renovador do pensamento freudiano, Lacan trouxe para psicanálise elementos estruturalistas e criou uma “clínica do real” apta a entender o sujeito pós moderno” [1]

Constituição do Sujeito em Lacan

Com o referencial teórico em Lacan, o professor pode abstrair estratégias do como compreender o aluno em sua *singularidade* por meio do uso da *linguagem*.

“Lacan explica que nascemos em mundo de discurso, um discurso ou linguagem que precede nosso nascimento e que continuará após a nossa morte. Muito antes de uma criança nascer, um lugar já está preparado para ela no universo lingüístico dos pais: os pais falam da criança que vai nascer, tentam escolher o nome perfeito para ela, preparam-lhe um quarto, e começam a imaginar como suas vidas serão com uma pessoa a mais no lar. As palavras que usam para falar da criança têm sido usadas, com frequência, por décadas, se não por séculos e, geralmente, os pais nem as definem e nem as redefinem, apesar dos muitos anos de uso. Essas palavras lhes são conferidas por séculos de tradição: elas constituem o Outro da linguagem, como Lacan chama em francês (l’Autre du langage), mas que podemos tentar converter em o Outro da lingüística, ou o Outro como linguagem”. FINK, B. (1998)

Da citação acima, resgatamos o entendimento que cada um de nós traz consigo as mais diversas significações, estas, impregnadas de nosso seio familiar e cultura que nos envolve. Contudo, no momento da escuta do Outro, este Outro pode ser o aluno ou próprio professor, cada diferença deve ser respeitada e compreendida.

[1] - Revista *Viver Mente&Cérebro*. Edição Especial nº4
Coleção memória da psicanálise - *Lógica do Sujeito – Lacan*.

Do ponto de vista psicanalítico lacaniano, nos fazemos presentes no Outro do quando ocorre a interação entre dois ou mais indivíduos. Basicamente, expressamos para o Outro, momentos conscientes e inconscientes, buscando alguma resposta que faça sentido para a manutenção, construção e reconstrução do sujeito.

“Lacan privilegia a linguagem, o que é comum, as regras de parentesco, os automatismos, uma constelação de significações que é partilhada por todos os sujeitos nascidos na mesma cultura”. BASTOS, A. (2003).

Lacan cientificou a escuta. Valeu-se da lingüística estrutural de *Ferdinand de Saussure* que, com seu peso de ciência, ajudou a revelar que o inconsciente freudiano segue regras lógicas a serem detectadas, pelo analista, na escuta lógica da significação. O inconsciente freudiano seria, para ele, estruturado como uma linguagem, e não por fantasias primitivas selvagens que teriam de ser dominadas em uma compreensão analítica.

Existem duas clínicas em Lacan. Uma primeira que privilegia o simbólico, chamada de clínica da significação e uma segunda que privilegia o real, chamada clínica do ato, ou do real. Entre as duas clínicas, várias são as diferenças, em especial quanto ao término do tratamento. É comum falar que uma pessoa faz ou deve fazer análise para se conhecer melhor e, se conhecendo mais, ter maior possibilidade de acerto em suas escolhas, em seu caminho. O final da análise seria um acréscimo de saber sobre o não sabido, o “inconsciente”, e a sua verdadeira lógica. É uma referência da primeira clínica. A segunda clínica exploraremos em uma outra oportunidade.

Contrariamente ao que possa parecer, palavras não são só palavras. Não há nada a ser buscado além delas e sim nelas, como os poetas que renovam o termo mais banal dando-lhe uma nova dimensão. O analista empresta conseqüências às palavras do analisando.

Para lingüística de Saussure, o significado é um conceito, uma idéia referenciada à palavra, e não o objeto real a que se refere. Da mesma fora, a significação não é o som pronunciado ao se enunciar uma palavra, mas a sua imagem acústica. A significação e o significado tem absoluta independência um do outro, aparecendo como um par associado, mas não estanque fixo.

Já para Lacan, a significação não só é autônomo em relação ao significado, como também tem uma importância essencial que não pode ser igualmente atribuída ao significado. Antes de querer significar o mundo, o que é relevante ao sujeito é a relação que ele mantém com os fonemas. Diante da sustentação simbólica do Outro, os jogos vocálicos a que se entregam são visivelmente prazerosos e, como se verifica na análise pessoal a que se submetem os pacientes, esses jogos são fundamentais para constituição do psiquismo.

Freud, ao destacar a fala como instrumento fundamental do trabalho analítico, o fez subvertendo o conceito que se tinha na época dos atos falhos e correlatos, então entendidos como falhas de linguagem. Se era uma situação corriqueira não se considerar um lapso de linguagem, ou um ato falho, ou mesmo um esquecimento, fatos reveladores e significativos, foi justamente aí, nesse campo, que Freud buscou a raiz de todo psiquismo. Uma palavra mal empregada não é casual ou desprovida de sentido para aquele que a proferiu, pois justamente ela revela um pouco daquilo que o recalque tenta encobrir.

O desejo suscitado pelo aparelho psíquico ocorre em forma destas palavras que se apresentam na boca do falante (chistes, atos falhos, lapsos), que consistem juntamente com os sonhos, no que Freud denominou formações do inconsciente.

É nesse sentido que toda palavra em significação revela uma parte da verdade do sujeito, mas não toda, já que seu desnudamento total seria insuportável. É sempre preciso proferir outros “erros” para se configurar um pedaço a mais dessa verdade psíquica. Assim, vai-se de uma palavra relevante a outra (ou, dito de um modo lacaniano, de uma significação a outro), compondo uma grande rede de significações.

Pode-se dizer, então, que as significações dialogam entre si, deslizam de uma outra revelando sempre um sentido expresso e outro latente.

Nessa formação em rede, nessa passagem de uma palavra a outra, Freud identificou dois mecanismos básicos (distintos, mas complementares): o deslocamento e a condensação, responsáveis pelas formações do inconsciente. Lacan, por sua vez, utilizando-se novamente de termos da lingüística, o denominou respectivamente metonímia e metáfora.

3.1.1) Laço Social e Relação com o Saber

Quando alguém, falando, pretende se expressar e se fazer entender e, de repente, na sua fala, tropeça numa palavra, ou a troca por outra sem perceber, ou utiliza uma expressão que, por ter mais de um significado, produz no interlocutor uma impressão diferente da que tenta transmitir, eis aí o inconsciente em ação.

Na surpresa de um lapso de língua, quem foi que se manifestou? A racionalidade do falante não se reconhece naquela palavra que, inesperada e inoportuna, acabou sendo ouvida. Talvez revelasse um anseio que, mesmo inadmissível, torna evidente outro querer determinado o que foi dito.

Podem-se estabelecer dois momentos, antes e depois do ato falho. Previamente, o locutor expressava-se fluente, dono de si. E depois da locução impensada, quando foi dito algo inimaginável, quem disse fica em pauta, ultrapassado pelo significante. Disso decorre conclusões. Primeira : a intencionalidade foi superada pelo dizer, e quem falou não fica indiferente perante o fato. Segunda : denomina-se sujeito à capacidade da linguagem que, enunciando mais que o esperado, indica um desejo do qual não se tinha notícia.

O sujeito é determinado pelo Outro, nome dado a tudo aquilo pelo qual ninguém chega a dominar plenamente os efeitos das suas palavras e atos.

Os seguintes postulados, de implicação recíproca, são o pano de fundo de todas as articulações lacanianas :

- o inconsciente está estruturado como uma linguagem
- a linguagem é a condição do inconsciente
- o inconsciente é o discurso do Outro
- o desejo do homem é o desejo do Outro

Estas afirmações balizam os registros e funcionam como as referências imprescindíveis da dialética do desejo. Na dependência do dizer, o simbólico. Nas miragens do eu, o imaginário. Na emergência sem mediação, o real como causa. Em todos os casos, a alteridade radical da outra cena.

Na relação com o saber, nos com dois tipos de silêncio. Um que se manifesta por meio da descontinuidade inerente a todo e qualquer discurso (seja do lado do analisando, ou na interpretação do analista), e outro que se concretiza por meio dos fenômenos clínicos, como lesão psicossomática, a alucinação, a passagem ao ato.

Embora estruturalmente diferentes, esses silêncios têm em sua origem, um lugar comum. Tanto um quanto outro se constituem a partir da impossibilidade de representação proveniente de um buraco negro simbólico.

Dessa forma, apesar de ser pura ausência de representação, esse vazio não é estático, ao contrário, é dinâmico, revelando-se de um lado no impasse entre o ser e o dizer, manifesto pelo silêncio que irrompe na fala, marcando sua descontinuidade e escancarando seu desamparo.

Na literatura de Clarice Lispector, especialmente num trecho de seu livro *A paixão segundo G.H.*, em que a escritora busca articular o silêncio e a linguagem, apontando para uma realidade que, por estar além das palavras, não é menos real, no entanto indizível. Transcrevo :

“Ah, mas para se chegar à mudez, que esforço da voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes da minha linguagem, existia com um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria – prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado por meio do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu”.

O silêncio que é delimitado aqui não é aquele que antecede qualquer palavra – um querer dizer – mas, antes disso, é aquele que se situa depois da palavra quando não há repostas, mas também as questões vêm faltar. Falo do silêncio como impossibilidade real de representação, como um discurso detido. É a falência da ilusão, a corrosão de um discurso levado às últimas conseqüências, à maneira do ponto de fuga presente nas perspectivas.

3.1.2) Uso da Clínica Lacaniana em Sala de Aula

*Não se pretende tornar a sala de aula uma clínica de psicanálise
Não se pretende tornar o professor um psicanalista*

Por meio do uso da clínica lacaniana, pretende-se, propiciar ao professor e ao aluno, o entendimento de um caminho comum de prosperidade e benefício mútuo. Contudo, sabemos que no dia a dia a *escuta* somente poderá ser exercitada em alguns raros momentos.

Porém, o fato de termos acesso à clínica do simbólico, nos encaminhou à *teoria geral do signos*, onde, por meio da compreensão da *significação* do aluno e professor, poderemos alcançar e ter acesso ao quanto a pessoa aluno e professor se fazem presentes em sala de aula. Seja durante o *diálogo* ou momentos de *silêncio*.

Acredita-se que ao longo da interação professor – aluno, com o suporte lingüístico e psicanalítico, poderemos constituir uma *ontologia* do conhecimento do aluno e professor e com ela, estudar e tratar a dinâmica do conhecimento em sala de aula, bem como, técnicas didáticas.

3.2) Henri Wallon

Construção da Pessoa em Wallon

Em Wallon encontramos recursos que maximizam a interação professor-aluno e o meio em vivem. Para destacar tais recursos, são apresentados *momentos* da teoria desenvolvida por ele.

Processo de Construção da Pessoa

Para Wallon, o processo de construção da Pessoa segue as seguintes etapas :

- Busca de Admiração (sedução) ;
- Imitação (escolhas afetivas) ;
- Função dos “socius” (pessoa de confiança) ;
- Mediação ;
- Importância dos grupos ;
- Perceber o outro na sua diferença e
- Criar uma relação entre pares (motivar a relação com o outro).

O estudo da construção da pessoa em Wallon, possibilita ao professor delinear o que ocorre ao longo do processo de interação com o aluno. Assim, o professor age como interprete e mediador das expressões emocionais e afetivas.

Wallon preocupa-se também, com conexões entre a linguagem e o pensamento. Importa-se com a representação do conhecimento.

A psicogênese de Wallon

A abordagem psicogenética walloniana tem por objetivo a pessoa em desenvolvimento. A afetividade, a inteligência e a motricidade constituem a psicogênese do sujeito.

Ele enfatiza a importância dos processos afetivos na constituição da pessoa e privilegia a vinculação existente entre afetividade e movimento, na relação que a pessoa estabelece com o mundo físico e social.

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva.

As leis de Henri Wallon

Para Wallon, os sujeitos oscilam entre duas vertentes no processo de constituição da identidade :

1ª) sincretismo ou indiferenciação – Os sujeitos se mesclam aos outros (sincretismo) de uma tal forma que fica difícil separar entre ele e o outro.

2ª) diferenciação – as pessoas se diferenciam entre si. Momento de distinção eu/outro.

Bibliografia

BAKHTIN, M. V. (1978). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.ed.Hucitec, São Paulo.

BASTOS, A. (2003). *Construção da Pessoa em Wallon e a Constituição do Sujeito em Lacan*.ed. Vozes, Rio de Janeiro.

FINK, B. (1998). *O Sujeito Lacaniano – entre a linguagem e o gozo*. ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro.

MACHADO, N. J. (1999). *Epistemologia e Didática: As Concepções de Conhecimento e Inteligência e a Prática Docente*. p. 117 – 176, 3a. ed. Cortez, São Paulo.

MOREMO, A. R. (2000). *Wittgenstein – Os labirintos da Linguagem – Ensaio Introdutório*. ed. Moderna-Unicamp, São Paulo.

SANTAELLA, L. A. (2000). *Teoria Geral dos Signos – Como as Linguagens Significam as Coisas*. ed. Pioneira, São Paulo.

SOWA, J. (1999). *Knowledge Representation*. ed. Ie-Thomson.